

**O CARÁTER FRONTEIRIÇO DA CRÔNICA OITOCENTISTA: JORNALISMO E LITERATURA NAS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS PUBLICADAS N` O FUTURO (1862-1863)**

***THE BORDER CHARACTER OF CHRONICLE IN THE 19<sup>th</sup> CENTURY: JOURNALISM AND LITERATURE IN MACHADO DE ASSIS' CHRONICLES PUBLISHED IN O FUTURO (1862-1863)***

Aline Cristina de Oliveira Cataneli<sup>1</sup>  
Mestre em Letras  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
([aline.literatura@gmail.com](mailto:aline.literatura@gmail.com))

**RESUMO:** O presente artigo propõe uma discussão sobre a dificuldade de se definir a crônica enquanto gênero literário devido ao seu atrelamento ao jornal, em meados do século XIX. O caráter híbrido da crônica acomodou a escrita de intelectuais do oitocentos, dentre os quais se destaca o iniciante Machado de Assis, que dava seus primeiros passos como cronista nos periódicos fluminenses da época. Destarte, o artigo propõe, também, a observação dos escritos machadianos da juventude, dando ênfase para sua colaboração n` **O Futuro**, periódico luso-brasileiro que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1862 e 1863, quando o escritor tinha apenas vinte e três anos. O texto busca fomentar a discussão acerca do início da carreira do autor de **Memórias póstumas de Brás Cubas**, uma vez que o espólio da juventude, principalmente os presentes no jornal em questão, foram relegados, até pouco tempo, ao esquecimento.

**Palavras-chave:** Crônica; Século XIX; Machado de Assis; Periódicos; **O Futuro**

**ABSTRACT:** This article proposes a discussion about the difficult to define chronicle as a literary work because of its link to the newspaper, in the middle of 19th century. The chronicle's hybrid character accommodated the writing of intellectuals from that century who were interested in journalism and literature. Within all those chroniclers, a beginner named Machado de Assis, who was starting his work as writer, stands out. Thus, this article also proposes the study of Machado de Assis work during his youth, emphasizing his collaboration as chronicler of **O Futuro** newspaper, Luso-Brazilian journal sold in Rio de Janeiro from 1862 to 1863. This article encourages the discussion about his early carrier, since Assis's early works, mainly his works in **O Futuro**, were relegated to oblivion.

**Keywords:** Chronicle; 19th century; Machado de Assis; Journals; **O Futuro**

**A tradição da crônica nos jornais brasileiros do século XIX.**

Depois de muita discussão, exaustivas pesquisas e inúmeras publicações sobre a condição da crônica enquanto gênero textual, atualmente é possível enxergá-la sem os preconceitos do passado, quando lhe fora imputada a alcunha de gênero menor. Tal atribuição relaciona-se à crônica produzida a partir do advento da imprensa, em meados do século XIX, posto que a crônica, tal qual entendemos hoje,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras

deu seus primeiros passos nas páginas dos jornais e valia-se, principalmente, dos *faits divers*<sup>2</sup>, ou seja, dos acontecimentos da vida cotidiana.

A palavra crônica tem origem grega, vem de *chronos*, que sugere uma noção de tempo e memória e, portanto, mantém íntima relação com o passado. Apesar da procedência da palavra não ser consenso entre estudiosos, há um segmento de etimólogos que ligam *chronos* à mitologia, mas especificamente à divindade Kronos, para os gregos, ou a Saturno, para os romanos<sup>3</sup>.

Ao relatar os acontecimentos de uma época, o cronista, que viveu o período anterior ao historiador, encarregava-se de narrar fatos tomados como verídicos sem, no entanto, preocupar-se com a racionalidade dos cientistas que lhe sucederam. Ainda que a História seja, na atualidade, vista como um discurso, uma interpretação, não se pode negar a existência de rigor documental, de investigação mediante cruzamento de dados e fontes. O cronista medieval, por exemplo, não tinha a incumbência da análise crítica, tampouco metódica quando do relato histórico. Esse “narrador” valia-se dos acontecimentos e organizava-os seguindo uma linha cronológica, porém, ao escrever, fugia da objetividade científica. Segundo Jorge Fernandes da Silveira, um dos principais expoentes da crônica medieval é o cronista português Fernão Lopes, considerado o grande mestre na arte de narrar a realidade de maneira ficcional (SILVEIRA, 1992, p. 27).

Ainda que ignorasse estar praticando a crônica, Pero Vaz de Caminha, ao dirigir-se ao rei de Portugal relatando minuciosamente o dia-a-dia em território brasileiro, ocupava o ofício de cronista de viagem (SARAIVA, A.J. e LOPES, O., 2001, p.293). A produção dos cronistas de viagem foi legitimada pela literatura, que

---

<sup>2</sup> Expressão francesa que significa algo como “fatos diversos”.

<sup>3</sup> Kronos seria filho de Urano (o Céu) e de Cibele ou Gea (a Terra), esposo de Rea e pai de Júpiter, Netuno, Plutão e Juno. Sendo senhor do Universo, e temendo que seus filhos viessem futuramente a destroná-lo, devorava-os ao nascer. Dessa voracidade apenas escapou Júpiter (Zeus), graças ao esquema de Rea, que substituiu a criança por uma grande pedra envolta em cueiros. É claríssima a alegoria dessa fábula: Chronos, em grego, quer dizer Tempo; e não há dúvida que o tempo devora, isto é, consome tudo o que cria. Crescendo, Júpiter forçou o pai a vomitar a pedra e os seus irmãos, e o destronou. Kronos, reduzido a condições de simples mortal, e expulso de Creta, asilou-se nas montanhas do Lácio, na Itália, onde foi bem acolhido pelo povo e pelo rei Jano, que lhe deu generosa hospitalidade. Como sinal de reconhecimento, Kronos ensinou-lhes as leis, as artes e a linguagem, pelo que foi gratificado com prudência. Esta segunda alegoria está a dizer que o rei aproveitou as lições do tempo e a experiência, para governar seu povo, com leis sábias. Simbolizando o tempo, é Kronos geralmente representado sob a forma de um ancião, curvado ao peso dos anos, erguendo, na mão, uma foice, porque o tempo ceifa todos os seres. Apresenta-se alado, para indicar a sua marcha rápida. Alguns artistas colocam-lhe, na mão, uma ampulheta, porque os antigos se serviam deste instrumento, como relógio, para a medida do tempo. Podemos vê-lo também apresentando uma serpente, disposta em círculo, emblema da eternidade, que não tem começo nem fim.

a recolheu como representativa da expressão de uma determinada época, o que na visão de muitos estudiosos denominou-se uma literatura de informação sobre o Novo Mundo. Na modernidade, porém, essa tarefa foi passada à historiografia.

A partir do século XIX, com o surgimento do jornal, os acontecimentos históricos passaram a ser apenas um ponto de partida para o cronista. O aspecto cronológico cedeu caminho às inúmeras possibilidades de significados da crônica, à sua abrangência temática e linguística. Cabia ao cronista o manejo da pena a fim de enredar o leitor que, em princípio, buscava uma leitura amena que resumisse os acontecimentos semanais, mas que, ao se deixar seduzir pelo engenho do escritor, acabava, muitas vezes, compartilhando das suas ideologias artísticas, políticas e sociais. A publicação do gênero nos jornais começou timidamente e foi ganhando espaço em função da cumplicidade com o leitor, que se fazia a partir de uma fictícia amizade entre ele e o escritor e pela facilidade da linguagem empregada. Além disso, o tom leve e bem humorado fez da crônica um gênero que atravessou os séculos e caiu no gosto popular.

O século XIX ficou conhecido como a “era da máquina”, em razão do forte desenvolvimento tecnológico propiciado pela Segunda Revolução Industrial. Muitas invenções da época facilitaram substancialmente os meios de comunicação e isso fez com que os acontecimentos fossem rapidamente difundidos. O jornal aclimatou-se a um público leitor ávido por novidades, que consumia rapidamente o que lhe era ofertado (CÂNDIDO, 1992, p. 14).

Segundo Machado de Assis, em crônica publicada no **Diário do Rio de Janeiro** em sete de janeiro de 1862:

Bem se podia comparar o público àquela serpente – deus dos antigos mexicanos – que, depois de devorar um alentado mamífero, prostra-se até que a ação digestiva lhe tenha esvaziado o estômago; então o flagelo das matas corre em busca de novo repasto, emborca novo animal pela garganta abaixo e cai em nova e profunda modorra de digestão (ASSIS, 2008, V.4, p. 48).

A crônica começou a ilustrar incertezas, angústias e inquietações do homem oitocentista. A vida num ambiente urbano refletia os sintomas de uma sociedade capitalista, seduzida pelo consumo e pela fugacidade da vida moderna. Diante desse quadro, o cronista utilizou-se de recursos estéticos que passaram a traduzir as relações sociais fragmentadas deste período na produção cronística. O

caráter heterogêneo da crônica, seja por meio da sua linguagem, da utilização de recursos estilísticos ou mesmo pela pluralidade de significações que ela nos permite fazer acerca da realidade pode ser observado em trecho de **Fragmentos sobre a Crônica**, de Davi Arrigucci Jr.: “...tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de meandros sutis de nossa realidade” (ARRIGUCCI, 1985, p. 53)

É difícil definir a crônica, afinal, trata-se de um gênero cujas raízes estão ligadas à narração do individual, do subjetivo. Além disso, o gênero ganhou força com a popularização do jornal, em cujo veículo se comentava, de maneira pessoal, as notícias da semana. Outro fator que dificulta a definição da crônica encontra-se na sua semelhança em relação a outros gêneros, como o relato de viagens, o ensaio, a carta e o conto, por exemplo.

Para Massaud Moisés (MOISÉS, 2003), a crônica pode ser classificada como um gênero ambíguo, transitório entre a literatura e o jornalismo. Essa classificação sugere uma dependência da crônica à estrutura jornalística e literária. Com relação ao jornalismo, pode-se dizer que a narrativa cronística contém características inerentes aos periódicos, mas a sua amplitude linguística consegue ultrapassar a referencialidade a que esses textos estão submetidos. Dessa forma, a crônica se constitui num discurso aberto a vários significados e inúmeras possibilidades de construção. Essa amplitude semântica, entretanto, muitas vezes não é produzida pelos demais discursos que encontramos na extensão de um periódico, os quais são dependentes de normas técnico-linguísticas fixas na organização das informações.

Embora estudiosos do jornalismo considerem a crônica um gênero jornalístico opinativo, a riqueza temática e as inúmeras possibilidades de conotação da narrativa cronística ultrapassam o mero sentido de opinião. Contudo, o fato de o jornal ser o suporte de inserção da crônica, num primeiro momento, já cria por si só um elo entre os gêneros literário e jornalístico e, via de regra, fornece subsídios para a manutenção de conceitos divergentes sobre sua classificação. A função referencial da linguagem, que predomina no jornalismo, é apenas uma das funções linguísticas que podemos observar na crônica, a qual perpassa a função poética, expressiva, metalinguística, entre outras.

Na crônica, o autor utiliza-se de várias figuras de linguagem, como a metáfora, a hipérbole, a personificação etc. Esse mecanismo lhe possibilita criar uma riqueza de significados para seu texto. Os leitores, ao entrarem em contato com essa crônica, não lhe atribuirão apenas um único sentido, mas serão capazes de interpretá-la de diversas formas, devido ao potencial linguístico que o texto possui. Neste sentido, a crônica ultrapassa as limitações do texto jornalístico, o qual transmite para o leitor um discurso que traduz basicamente uma leitura, entre tantas, que um fato pode ter.

Ao cronista não cabe apenas implicar significados conotativos aos fatos, ele também se preocupa em reinterpretar o conteúdo que aparece no corpus do jornal. Mesmo quando trabalha os fatos sob a perspectiva da denotação, o seu texto está aberto a múltiplas interpretações do leitor.

A crônica oitocentista era vista com muita reserva pelos críticos literários da época, que a consideravam, na maioria das vezes, um texto banal, tão efêmero quanto as notícias do dia. Tais crônicas foram escritas por uma série de jornalistas que, como os textos que escreviam, caíram rapidamente no esquecimento. Mas o que dizer das inúmeras crônicas deixadas por aqueles que iniciaram suas carreiras no jornal e que posteriormente se tornaram grandes ícones da literatura? Seria no mínimo injusto colocá-las no mesmo patamar de textos cujas intenções sequer beiravam o domínio estético. Uma página escrita por nomes como Machado de Assis, José de Alencar, Olavo Bilac entre outros é a pintura de um tempo, é o esboço de uma obra-prima, é a vida vista de um ângulo privilegiado, é a comunhão de fatos e ideias, do sério e do jocoso. Os cronistas são os *diseurs de rien*<sup>4</sup>. O fato é apenas o princípio, o engenho e a arte do cronista é que determinam o fim.

Tendo sua propagação atrelada ao jornal, a crônica, a partir do século XIX tem, como uma de suas principais características, a matéria efêmera, as notícias semanais, a vida mundana. É nesse sentido que o rótulo de gênero menor ganhou força. De fato, a crônica não foi feita visando os livros, constituída dos *faits divers*, tornava-se rapidamente descartável e era exatamente esse descompromisso que lhe garantia liberdade para ousar uma linguagem simplificada, menos pretensiosa, cuja semelhança com uma conversa entre amigos a fez tão querida do público leitor.

---

<sup>4</sup> Expressão francesa que significa algo como “comentaristas do nada”.

A ligação profunda com o dia-a-dia fez da crônica um gênero mais próximo da vida real.

Para Carlos Drummond de Andrade o cronista, ao escrever um texto despretenso, liberta-se do sério, do solene, e explora as possibilidades de um discurso fútil ou aparentemente fútil. Ele acolhe o desejo do leitor de uma leitura leve, para sorver enquanto se toma um café, como diz Carlos Drummond de Andrade em trecho de sua crônica **O frívolo cronista**:

[...] O inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigério, no desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o critério exclusivo de eficiência, produtividade, rentabilidade e tal e coisa. Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade, exagero que não hesito em combater, como nocivo ao equilíbrio moral. Não devemos cultivar o ócio ou a frivolidade como valores utilitários de contrapeso, mas pelo simples e puro deleite de fruí-los também como expressões de vida. No caso mínimo da crônica, o auto-reconhecimento da minha ineficácia social de cronista deixa-me perfeitamente tranqüilo. O jornal não me chamou para esclarecer problemas, orientar leitores, advertir governantes, pressionar o Poder Legislativo, ditar normas aos senhores do mundo. O jornal sabia-me incompetente para o desempenho destas altas missões. Contratou-me, e não vejo erro nisto, por minha incompetência e desembaraço em exercê-la. De fato, tenho certa prática em frivoleiras matutinas, a serem consumidas com o primeiro café. Este café costuma ser amargo, pois sobre ele desabam todas as aflições do mundo, em 54 páginas ou mais... (ANDRADE, 1998, p. 179).

Apesar de Drummond ter escrito suas crônicas num momento histórico bastante distinto daquelas praticadas no século XIX, a percepção do autor no que diz respeito às aspirações dos leitores ao depararem-se com a crônica presente nos jornais é muito parecida com a dos escritores que se mantiveram por décadas nos periódicos oitocentistas. Parece unânime que a crônica devia ser leve, descompromissada e, quando coubesse a ela a defesa de uma causa, qualquer que fosse, devia fazê-la com grande carga de bom humor.

A condição de atrelamento ao jornal e aos fatos cotidianos não raramente tornava a crônica oitocentista um texto efêmero, principalmente se for considerado o grande número de cronistas que eram, na verdade, jornalistas e que, como tais, estavam mais preocupados com o mero comentário dos fatos do que com os

meandros estéticos que a linguagem proporciona. Os intelectuais da época, principalmente os escritores em início de carreira, acabaram por mudar, ainda que não fosse uma preocupação da classe, a situação da crônica, fazendo-a evoluir de “descartável” para algo merecedor de uma leitura mais atenta e, mais tarde, para um texto esteticamente construído. Portanto, nem todas as crônicas praticadas no século XIX perderam seu valor dias depois de sua publicação. Ainda hoje, o leitor curioso pode facilmente remontar a esse momento histórico através de leituras de crônicas escritas por um José de Alencar ou um Machado de Assis e, assim, apreender parte da história da sociedade brasileira da época. Pode ainda verificar que alguns assuntos são facilmente reconhecíveis e outros ainda passíveis de discussão.

Muitas das crônicas praticadas no século XIX imortalizaram-se nos livros, ainda que não os tenham pretendido. A posterior consagração de certos escritores fez com que alguns de seus textos jornalísticos recebessem a mesma importância daqueles que objetivaram, desde o início, os livros. Mas o que fez com que a crônica, despreziosa e efêmera, ganhasse status de literatura? Se suas raízes estavam nas notícias da semana, por que ainda hoje nos deliciamos com a sua leitura? A resposta a essas questões está no talento de quem as escreveu, na magnitude do manejo com a linguagem de seus autores, na arte de transformar, de dar ares literários à pequenez das coisas fugidias.

Muitos dos escritores brasileiros consagrados tiveram sua primeira oportunidade nos jornais, como cronistas. Era ali que encontravam seu meio de sobrevivência, uma vez que a baixa taxa de alfabetização somada à dificuldade de publicação de uma obra era desanimadora para a ascensão no mercado editorial, extremamente precário. Esses jovens escritores, ainda desconhecidos do grande público, viam na imprensa uma porta de entrada para a vida literária.

Apesar do alto índice de analfabetismo no Brasil do século XIX, o jornal foi ganhando cada vez mais força e, por consequência, tornou-se um campo fértil para os jovens talentos, que o tiveram como ganha-pão e laboratório de formação do fazer literário, bem como uma maneira de se tornarem conhecidos do grande público. O final da década de cinquenta e o início da década de sessenta foi a época em que os homens de letras começaram a fazer imprensa. (SODRÉ, 1999, p. 292).

O aprendizado narrativo de muitos escritores consagrados estava na composição de crônicas, publicadas assiduamente nos jornais da época. A crônica tinha um espaço significativo nos jornais, seja como literatura ou como mero resumo dos acontecimentos semanais. Era na publicação de crônicas que os escritores podiam opinar, discutir e, por que não, educar. Naquele espaço mostravam-se mais livremente, ganhavam o carinho e a admiração do público e do próprio jornal, fincavam seus nomes no mundo das letras.

Tarefa interessante é a de pensar o cronista como antecessor do romancista, isto porque, em se tratando do século XIX, o ofício de escrever crônicas era tido como uma espécie de aprendizado narrativo, pois o foco estava no livro, no romance. Tem-se aí mais uma possibilidade dos motivos que levaram a crônica a ser rotulada como um subgênero. Sabe-se de um largo rol de grandes romancistas que, antes do sucesso, atuaram como cronistas. É como se o trabalho como cronista fosse um trampolim para se alcançar a “literatura elevada”. Verdade é que os próprios cronistas viam seu trabalho como indigno dos livros.

A matéria efêmera dos escritos jornalísticos não tinha aspirações à posteridade, salvo raras exceções, as crônicas de ícones da literatura mundial só vieram a público nas páginas de livros, depois da consagração dos mesmos. O próprio Machado de Assis, um dos maiores escritores brasileiros, muitas vezes explicitava o caráter banal daquilo que escrevia, como se pode observar no trecho de uma crônica publicada em 1897 no jornal **Gazeta de Notícias**: “Há cerca de cinco anos vos digo aqui ao domingo o que me passa pela cabeça a propósito da semana finda e até sem nenhum propósito” (ASSIS, 2008, v.4, p. 1374).

Não há como pensar a crônica sem pensar seu espaço de publicação: o folhetim. Originário da França, era um espaço no rodapé da primeira página dos jornais: *o rez-de-chaussée*<sup>5</sup>. O folhetim francês data de 1830, no jornal *La Presse* e aportou no Brasil através dos pacotes vindos da Europa, que ancoravam trazendo não só as notícias do Velho Mundo, mas todo um modo de ser e de pensar baseados, principalmente, na França, arquétipo de civilização da época. Sobre esse momento da imprensa brasileira, Nelson Werneck Sodré comenta: “O noticiário do exterior dependia ainda da chegada dos vapores, e Alencar escrevia: ‘Há três ou quatro pacotes soubemos que...’” (SODRÉ, 1999, p. 191).

---

<sup>5</sup> Do francês, significa algo como rés do chão, aquilo que fica abaixo.

Em solo brasileiro, o folhetim foi adaptando-se ao clima local, sem perder os aspectos de origem, como a destinação às escrituras diversas, que variavam de receitas culinárias, charadas até anúncios de compra e venda. Nesse espaço, cuja intenção era a de entreter e divertir o leitor cabia também as narrativas em série e, é claro, o relato das notícias da semana, contadas de forma leve e individual. Machado de Assis, em uma de suas crônicas, nos diz:

O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama de inverno. De lá, espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno; falo do jornal (ASSIS, 1859 *apud* SODRÉ, 1999, p. 245).

O folhetim, enquanto espaço físico do jornal, aceitava tudo. Qualquer coisa que se fizesse entender a partir de signos linguísticos poderia obter um lugar no *feuilleton*<sup>6</sup>. Com o tempo, esse termo, bastante abrangente, foi ganhando outra conotação. Muitos cronistas, no entanto, confundiam o espaço do folhetim com aquilo que ele trazia. Para exemplificar essa afirmação, segue a citação de Eça de Queirós, jovem jornalista português que, anos mais tarde, se tornaria um dos mais importantes escritores de seu tempo. A crônica de 21 de fevereiro de 1867, publicada n`**O Distrito de Évora**, nos diz:

[...] há muita gente que se persuade que estas futilidades que se chamam crônica, folhetim, noticiário, variedades, não tem importância num jornal político, não pesam na opinião, não atacam e não combatem (QUEIROZ, 1997, p. 451).

Com o sucesso do espaço do folhetim, o termo passa a designar textos publicados naquele espaço. Os romances publicados em capítulos no rodapé do jornal tornaram-se largamente consumidos e isso fez com que o folhetim ganhasse mais espaço e adentrasse o jornal. Surge o **romance de folhetim**.

Como já mencionado, o folhetim, diferentemente de outras matérias jornalísticas, tem, no início, seu espaço sagrado no rodapé do jornal e era como que uma escritura de encaixe numa estrutura fixa e vazia. Segundo Machado de Assis,

---

<sup>6</sup> Do francês, significa folhetim.

em crônica publicada no **Diário do Rio de Janeiro**, em cinco de junho de 1864, sob a rubrica **Ao Acaso**:

O folhetim não é outra coisa mais do que o acaso, o vago, o indeterminado; é o acontecimento que há de haver, o lucro que se há de imprimir, o sarau que se há de dar; é o dito que escapa, a anedota que circula, o boato que se espalha; é o capricho do tempo, o capricho da pena, o capricho da fantasia; é a chuva e o sol, a elegia e o cântico; o folhetim reside no dia seguinte, vive do futuro, sai do ventre de todas as semanas, às vezes Minerva armada, às vezes *ridiculus mus* (ASSIS, 2008, v.4, p. 117).

A crônica era uma das escrituras de encaixe do folhetim. Cabia ao cronista redigir um texto comentando as notícias da semana, dando seu toque pessoal, sempre atento à utilização de uma linguagem simples e direta. Naquele espaço discutia-se as amenidades corriqueiras. As coisas sérias, essas ficavam sob a responsabilidade das outras colunas. Ironicamente, Drummond comenta em sua crônica **O frívolo cronista**, o papel designado às partes do jornal:

A informação apurada, correta, a análise de fenômenos sociais, a avaliação crítica, tarefas essenciais do jornal digno deste nome, não invalidam a presença de um canto de página que tem alguma coisa de ilha visitável, sem acomodações de residência. Como você tem em sua casa um cômodo ou parte de cômodo, ou simplesmente gaveta, ou menos ainda, caixa de plástico ou papelão, onde guarda pequeninas coisas sem utilidade aparente, mas em que os dedos e os olhos gostam de reparar de vez em quando: os nadas de uma existência atulhada de objetos imprescindíveis e, ao cabo, indiferentes, quando não fatigantes (ANDRADE, 1998, p. 179).

Vestindo-se da fama de texto sem importância, a crônica usava e abusava de sua condição. O cronista português Eça de Queirós não só utilizou-se do recurso humorístico, como tinha consciência da força do riso e do chiste no combate das ideias. A crônica de 21 de fevereiro de 1867, publicada no **O Distrito de Évora**, fala da eficácia desse estratagema:

[...] A crônica é para o jornalismo o que a caricatura é para a pintura: fere, rindo; espedaça, dando cambalhotas; não respeita nada daquilo que mais se respeita; procede pelo escárnio e pelo ridículo; e o ridículo em política é de boa, de excelente guerra (QUEIROZ, 1997, p. 451-452).

Os escritores do texto lítero-jornalístico oitocentista deixaram um legado de valor imensurável para as gerações que os sucederam, souberam dar à matéria efêmera do dia-a-dia um tom individual, subjetivo e uma linguagem comprometida com o belo. As colocações aqui empregadas, nem de longe tem a aspiração de concluir o que quer que seja, ao contrário, visam aumentar a indagação sobre o tema proposto, a fim de expandir a pesquisa acerca do gênero cronístico. Ao dar voz aos próprios cronistas, no intuito de conceituar o gênero, verificou-se o quanto ainda se pode debater até que se obtenha uma unanimidade em relação ao julgamento daquilo que seria crônica. Assim como aqueles que a praticaram, a crônica continua sendo assunto de proveitosa investigação.

### **Machado de Assis e os primeiros passos como cronista nos jornais cariocas.**

Tido como um ícone da literatura brasileira, Machado de Assis é conhecido internacionalmente por seus romances. Suas primeiras investidas no mundo das letras, ainda muito jovem, como autor de crônicas jornalísticas, não possuem a mesma notoriedade de sua produção como romancista. Contudo, esse legado deixado nas páginas dos jornais oitocentistas reproduz um momento importante no aprendizado e afirmação do escritor na literatura nacional.

Detentora de uma importância singular para o jornal do século XIX, a crônica garantia não apenas a aproximação do escritor para com o público, mas também uma forma de explanação das ideias e opiniões daquele que as redigia. Sendo assim, o cronista que visava uma carreira como literato tinha no ofício jornalístico um laboratório de formação da escrita, bem como a possibilidade de ser reconhecido pelo público e, quem sabe, entrar para o seleto grupo de escritores bem sucedidos da época.

Seguindo o mesmo caminho de seus pares, Machado de Assis, em 1859, começa a colaborar n` **O Espelho**. O periódico, fundado pelo imigrante José Emílio Zaluar e Francisco Eleutério de Sousa, publicou poesias, ensaios e as primeiras crônicas machadianas, cujos assuntos dirigiam-se às peças teatrais.

Machado de Assis publicou em todos os números (com exceção do primeiro) sua *Revista de teatros*: dezoito crônicas regulares às quais devem juntar-se alguns artigos mais gerais sobre os problemas dessa arte (MASSA, 2009, p. 223).

**O Espelho** teve curta duração, apenas um trimestre e, em 1860 o escritor começa a colaborar no **Diário do Rio de Janeiro**, cuja direção estava sob a responsabilidade do jornalista Saldanha Marinho. O periódico, com quatro décadas de história, voltava a circular depois de um curto período em que cessou suas atividades. Para Machado de Assis, era a solidificação de sua carreira como jornalista, pois além de se tornar repórter no Senado, o noticiário ficava sob sua responsabilidade. Um ano depois, em 1861, Machado passa a redigir as crônicas semanais, que sempre estavam relacionadas, entre outros assuntos, às questões políticas, como as queriam o perfil editorial do **Diário**.

Publicando assiduamente suas crônicas, Machado de Assis se liberta das amarras que prendiam seus textos ao jornal, começa então a tecer severas críticas ao governo e aos políticos. Nesses textos juvenis já é possível observar determinadas técnicas do discurso literário, como a presença marcante da ironia, o tom dialogal e retórico, por exemplo. Tais estratégias garantiram à crônica um estilo vigoroso, mordaz e militante.

O jovem cronista Machado de Assis aprendia, como se vê, a observar a realidade de seu tempo e expô-la criticamente, sem reservas e, como veremos mais detidamente, com bastante argúcia narrativa (GRANJA, 2000, p. 41).

A experiência adquirida nas páginas do **Diário** tirou o cronista da posição de amador e levou-o a tornar-se um profissional do jornalismo. O próprio Machado de Assis, anos mais tarde, recordava o ano de 1860 e seu ingresso no jornal como sendo um momento de suma importância, pois, apesar das colaborações anteriores ao **Diário**, o escritor considerava aquele ano como sendo o início de sua carreira como jornalista. “Nesse ano entrara eu para a imprensa” (ASSIS, 2008, v.2, p. 591).

Muito a vontade na escritura dos textos, o cronista expressava suas opiniões, criticava e satirizava a vida política brasileira. Não demorou até que esse despreendimento militante incomodasse a diretriz do jornal que, provavelmente, censurou o comportamento do cronista, porquanto Machado, em fevereiro de 1862, muda o perfil de seus textos: “Dá notícias gerais, pouca política, muita literatura e comentário sobre os teatros” (GRANJA, 2000, p. 64). Essa posição do jornal certamente desagradou o cronista, que logo depois volta a atacar o governo ferozmente. Essa conduta pode ter motivado seu afastamento definitivo da seção

**Comentários da Semana**, em cinco de maio de 1862, contudo, Machado de Assis continuou a fazer parte do rol de colaboradores do jornal, mas seu espírito combativo foi ferido de morte.

Ele não foi despedido, uma vez que continuou a pertencer à redação do jornal, mas privaram-no de uma tribuna. Se se recorda que tais artigos eram publicados, na maioria das vezes, na primeira página, imediatamente após as notícias oficiais (*Noticiário, Estatística da Corte*), avalia-se como foi verdadeira desgraça. Machado de Assis se encontrava no Purgatório. Retornou às fileiras, mas no anonimato das notícias anódinas (MASSA, 2009, p. 268).

A resolução tomada pelo jornal, de evitar que a seção da crônica se transformasse em tribuna, retirou o nome de Machado de Assis do lugar de honra do **Diário** e lhe causou um profundo ressentimento. O enfrentamento político visto nas páginas dos **Comentários da Semana** foi abandonado definitivamente pelo cronista que, a partir de então, adotou uma postura bem menos agressiva.

### **A colaboração machadiana nas páginas d`O Futuro.**

No dia 24 de março de 1862, apenas dois meses antes de seu afastamento da crônica semanal, Machado de Assis anunciava ao público leitor a chegada de um novo periódico à capital do país, tratava-se do surgimento d`**O Futuro**, projeto jornalístico que mereceu quatro parágrafos dos **Comentários da Semana**.

*O Futuro*, revista que aparecerá a cada quinzena, é mais um laço de união entre a nação brasileira e a nação portuguesa. Muitas razões pedem esta intimidade entre dois povos, que esquecendo passadas e fatais divergências, só podem, só devem ter um desejo, o de engrandecer a língua que falam, e que muitos engenhos tem honrado. *O Futuro*, concebido sobre uma larga base, é uma publicação séria e porventura será duradoura. Tem elementos para isso. A natureza dos escritos que requer um folheto de trinta páginas, publicado cada quinzena, muitos dos nomes se me diz farão parte da redação, entre os quais figura o do velho mestre Herculano, e a inteligência diretora e proprietária da publicação, o filho dileto do autor do *Bilhar*, F.X. de Novais, dão ao *Futuro* um caráter de viabilidade e duração (ASSIS, 2008, v.4, p. 68).

Apesar de não mencionar seu envolvimento na revista luso-brasileira que iria ser inaugurada, muito provavelmente Machado já estava a par da colaboração que devia prestar ao periódico **O Futuro**, uma vez que sua amizade com Faustino Xavier de Novais já se fazia sólida antes da publicação do primeiro número do jornal, em setembro de 1862. Tanto Faustino, diretor e proprietário d' **O Futuro**, quanto Reinaldo Carlos Montoro, editor e colaborador, eram nomes importantes dentro da colônia portuguesa no Rio de Janeiro e, como homens de letras, participavam dos frequentes saraus literários na capital.

Em 5 de julho de 1862, ou seja, depois da crise do Diário e antes da Questão Christie, Machado de Assis assistira a um sarau literário organizado pelo Retiro Literário Português. Depois do discurso de abertura pronunciado por Reinaldo Carlos Montoro [...] ouviram-se poesias de Almeida Cunha, Zaluar, Faustino Xavier de Novais [...] (MASSA, 2009, p. 316).

Jean-Michel Massa, em seu **A Juventude de Machado de Assis**, intitula o oitavo capítulo da obra – **O ponto mais baixo da maré: O Futuro** – e faz crer que a passagem de Machado de Assis pelo periódico fez parte de um momento bastante ruim de sua carreira. A interpretação de Massa defende a ideia de um Machado de Assis ressentido pela saída da seção da crônica do jornal **Diário do Rio de Janeiro** e, principalmente, pela desilusão política sofrida por intervenções do jornal às críticas, muitas vezes severas, que fazia a autoridades governamentais. O tal “ponto mais baixo” não deve ser entendido por um viés pejorativo em relação ao **Futuro**, ainda que tenha sido essa a intenção de Massa, que pode ter visto na saída do cronista do **Diário do Rio de Janeiro** e na imediata colaboração para **O Futuro** uma espécie de decadência profissional. Vale lembrar que o **Diário** era um jornal de grande importância e **O Futuro**, naquele momento, era apenas “mais um”. Ainda que Massa tenha feito essa avaliação ao declarar a passagem de Machado pelo periódico de Faustino Xavier de Novais como um momento difícil na carreira do escritor, **O Futuro** se destacava entre os demais pela diretriz editorial que contemplava as artes luso-brasileiras, pela qualidade dos textos publicados e pelo rol de colaboradores, que reunia grandes nomes da literatura portuguesa do dezenove. Sendo assim, fazer parte de um grupo tão seletivo deve ter sido motivo de orgulho para o jovem jornalista.

Machado de Assis, que ainda não era conhecido pelo grande público, passa a comentar os acontecimentos cotidianos n`**O Futuro** a convite do amigo Faustino Xavier de Novais. No primeiro número do jornal, publicado em 15 de setembro de 1862, Machado de Assis se apresenta bastante amargurado em sua crônica, já nos primeiros parágrafos dialoga com sua pena e debate sobre as desventuras sofridas por aqueles que ousam dizer o que pensam.

Antes de começarmos o nosso trabalho, ouve, amiga minha, alguns conselhos de quem te preza e não te quer ver enxovalhada . Não te envolvas em polêmicas de nenhum gênero, nem políticas, nem literárias, nem quaisquer outras; de outro modo verás que passas de honrada a desonesta, de modesta a pretenciosa, e em um abrir e fechar de olhos perdes o que tinhas e o que eu te fiz ganhar (O FUTURO, 15/09/1862).

Ainda que o jornal defendesse uma linha editorial literária, as crônicas assinadas por Machado de Assis não se limitavam ao comentário das produções artísticas, embora fossem elas o grande **filé** das notícias quinzenais. Nessa colaboração de estreia, o jovem Machado expõe, de forma muito irônica e perspicaz, aqueles que podem ter sido os motivos que o tiraram do ofício de cronista do **Diário**. A decisão de utilizar o recurso da antropomorfização e do diálogo resultaram em linhas de um perfeito domínio da linguagem. Terminados os conselhos à sua pena, o autor passa a mencionar os fatos da quinzena; muito rapidamente faz referência aos acontecimentos políticos (de maneira comedida) para então dar um “salto” na narrativa e passar ao relato das notícias relacionadas à arte. Aí então fala de poemas, de romances, de música, pintura e teatro.

O espírito das crônicas d`**O Futuro** favoreciam uma postura mais moderada no que diz respeito às questões mundanas, porquanto o jornal primava pelo caráter literário, de manutenção das relações artísticas entre Brasil e Portugal. O tom desabusado da primeira crônica faz crer que Machado de Assis estava de acordo com o programa editorial do periódico.

Depois do primeiro número, Machado só volta a assinar outra crônica em 30 de novembro de 1862, para não mais deixar a seção até a derradeira publicação do jornal, em 1º de julho de 1863. Esse curto espaço de tempo em que não colaborou como cronista não significa dizer que o autor tenha se afastado do periódico, ao contrário, Machado publicou em todos os números, seja praticando a

crônica, a poesia ou o conto. Nas dezesseis crônicas encontradas nos dez meses de colaboração, é possível observar que Machado de Assis persiste no propósito inicial de manter-se afastado dos assuntos polêmicos que tantos dissabores o causaram. Essa atitude não denuncia a anulação de um posicionamento diante das questões que considerava relevantes, como é o caso de um conflito entre Brasil e Peru, que se deu às margens do Amazonas entre o fim de 1862 e o início de 1863, comentado em crônica de 30 de novembro de 1862 e 1º de janeiro de 1863. Na crônica seguinte, de 15 de janeiro de 1863, Machado fala sobre a **Questão Christie** e seu texto denota tanto o conhecimento da causa, como sua opinião acerca das providências governamentais tomadas a fim de resolver o problema. Apesar de não se mostrar indiferente às questões de cunho político, Machado continua a se pronunciar de maneira bastante contida. A tônica de suas crônicas prima pelo relato sereno do cotidiano artístico, entremeadas por comentários mundanos, reflexões existenciais e a crítica literária, teatral e musical.

Apesar de reiterar, em algumas crônicas, que não se considerava um crítico, a função de julgar as obras que surgiam no decorrer da quinzena era feita por Machado com todo rigor e, às vezes, muito detalhadamente. Talvez por essa rigidez ao pontuar os aspectos bons e ruins daquilo que se propunha a avaliar, o jornalista demonstrava-se incomodado com a tarefa que, muitas vezes, cumpria por obrigação. Quando a empreitada resultava negativamente para a obra e/ou para o artista, ele cuidava em se desculpar pela sinceridade com a qual tecia suas avaliações.

Expus com franqueza e lealdade, sem exclusão do natural acanhamento, as minhas impressões; os erros que tiver cometido provarão contra a minha sagacidade literária, nunca contra o meu caráter e a minha convicção (O FUTURO, 15/01/1863).

Nessas “observações literárias”, para usar expressão do próprio jornalista, Machado de Assis munia-se de muito tato para não correr o risco de ferir quem quer que fosse. Mesmo quando suas impressões eram negativas – e ele não escondia os defeitos que encontrava – havia sempre um tom de conselho ou, no mínimo, de preocupação em esclarecer que se tratava de um julgamento individual e construtivo. Segundo Machado, os autores cujas obras eram avaliadas, muitas

vezes seus amigos, entenderiam a finalidade de seus apontamentos assim como ele o faria se tivesse uma obra sua sendo julgada.

O que eu confesso é que sou moço, e que, como tal, vou ao encontro dos moços com entusiasmo de camarada. Entre os que são da mesma idade é natural e fácil a comunicação das impressões recebidas, e do mútuo conselho sempre resulta emenda e progresso (O FUTURO, 15/01/1863).

Já no primeiro número do jornal, de 15 de setembro de 1862, é possível observar com que empenho Machado se debruçaria sobre os comentários artísticos. Nessa crônica o autor dedica uma especial atenção ao romance **As minas de prata**, de José de Alencar (1829-1877) e elenca, a partir de um breve resumo do enredo, suas considerações positivas e negativas. Outro momento de destaque no que diz respeito às minúcias no julgamento das obras pode ser visto na crônica do dia 15 de janeiro de 1863, quando Machado destina quatro páginas, das cinco que totalizam o texto, na avaliação da peça teatral **A túnica de Néssus**, de Sizenando Nabuco de Araújo (1842-1892).

Em se tratando de um cronista que colaborava num periódico literário, não é de admirar que os comentários artísticos dessem a tônica das crônicas de Machado de Assis. Embora parecesse temer a alcunha de crítico, era exatamente essa sua principal tarefa n`O Futuro. Quando não lhe era dada ocasião para analisar uma obra, procurava anunciar e recomendar algum lançamento literário, teatral ou musical aos leitores. Quando, porém, não havia nada a ser ofertado aos assinantes, o jornalista não se intimidava em confessar o problema da falta de notícias. Em várias crônicas o jornalista desabafa com o leitor sobre a dificuldade de escrever quando havia escassez de assunto.

Ainda que reclamasse da falta do que noticiar, Machado não parecia ter dificuldade na preparação do texto. Quando as publicações literárias rareavam, o jornalista via a oportunidade de debater assuntos que lhe incomodavam ou que mereciam publicidade. É o caso, por exemplo, da situação a que estava subjugado o teatro nacional. Em duas crônicas vê-se uma crítica severa sobre as péssimas condições físicas dos teatros fluminenses da época.

Apesar do esforço em manter-se longe de polêmicas de qualquer ordem, principalmente as políticas, não se pode dizer que Machado se absteve

completamente do espírito combativo dos tempos do **Diário**. Na última crônica publicada n` **O Futuro**, em 1º de julho de 1863, o jornalista fala do clero brasileiro com a agressividade que, posteriormente, virou uma espécie de marca de sua narrativa. Nesse texto, Machado se mostra contrário ao envolvimento da Igreja com a política, tecendo severas críticas num tom áspero e sarcástico. Consciente do poder do clero junto à população e das represálias que poderia sofrer por atacar os padres, Machado se antecipa dizendo não pretender carreira política. “O que o leitor talvez não saiba é que se o humilde cronista tivesse esta pretensão, meia dúzia de ministros do altar lavrariam logo circular conjurando os eleitores a não dar-me um voto sequer” (O FUTURO, 01/07/1863). A acidez com que Machado se reporta aos desmandos dos religiosos ocupa uma página, das três que totalizam o texto e, não fosse o fato de ser essa a derradeira crônica do periódico, talvez se pudesse vislumbrar, nas linhas da próxima quinzena, as consequências desse desabafo.

No que se refere aos aspectos formais das crônicas, um chama especialmente a atenção: a falta de título. Nenhum dos dezesseis textos praticados por Machado de Assis n` **O Futuro** receberam título. Aliás, os outros colaboradores que assinaram crônicas para o periódico também não nomearam seus textos. Talvez essa fosse uma marca da seção, que vinha sempre nas últimas páginas do periódico. Em todas as crônicas vê-se a assinatura “Machado de Assis” e, especialmente em uma na qual o jornalista acrescenta um *post-scriptum*, lê-se “M.A”.

Das estratégias da narrativa machadiana no periódico, sobressai o uso constante do diálogo, ora com o leitor, ora com sua pena ou até mesmo com o ano que findava. A estratégia de aproximar o leitor de si, de fazê-lo íntimo e confidente, é utilizada em quase todas as crônicas observadas. Essa postura machadiana de demonstrar apreço ao leitor é também verificada em momentos os quais ele coloca seu interlocutor como coautor da crônica. A utilização de expressões como “vejamos o que se pode avaliar” ou “falemos agora”, contribui ainda mais para a sensação de que o texto não era mais que uma conversa entre amigos.

Machado parecia conhecer bem o perfil dos assinantes d` **O Futuro**, porquanto escrevia sobre assuntos que deviam interessar à pequena classe dos intelectuais fluminenses e à colônia portuguesa do Rio de Janeiro. Esse conhecimento a respeito de seu interlocutor lhe dava o direito de inserir frases

inteiras em francês, por exemplo. Acreditando não haver problemas na compreensão da língua estrangeira, Machado eximia-se de traduzir.

Embora já se perceba um domínio na articulação da linguagem e na concatenação de ideias, em vários momentos o discurso machadiano é rompido em função da finalização de um comentário e, quando retomado, o jornalista utiliza expressões como “Passo às letras e às artes”; “passarei a mencionar”; “Passo a falar”; “Passo às notícias literárias”. Essas expressões sugerem a dificuldade, perante a necessidade de se comentar assuntos dos mais diversos, de se atrelar uns aos outros de forma a garantir a linearidade do texto. Por outro lado, esse recurso talvez pretendesse deixar claro que a crônica dividia seu espaço de maneira bem definida. Em 1º de junho de 1863, o jornalista chega a inserir um *post-scriptum* à crônica, segundo Machado, tal ato resultava do dever de comentar um acontecimento de última hora, quando o texto já se encontrava pronto.

No ofício de retirar do cotidiano a matéria de sua escrita, o cronista se deparava com o exagero ou a carência de notícias, de acordo com as particularidades de cada quinzena. Assim, o número de páginas dedicadas à crônica variava de, no mínimo duas e no máximo cinco páginas, sendo que, em média, os textos possuíam três páginas. Outro fator determinante para um maior ou menor número de páginas da crônica era a quantidade de publicações que o periódico traria naquela quinzena, uma vez que essas publicações se organizavam com maior antecedência e à crônica restava o espaço excedente do jornal.

Machado de Assis devotava, como já dito, uma atenção especial à divulgação de livros, concertos e peças teatrais, mas se uma obra realmente lhe agradava e se sua extensão coubesse no espaço da crônica – como é o caso das poesias – o leitor era agraciado com a publicação de trechos ou até de poemas inteiros. Talvez esse hábito fosse também um recurso na tentativa de preencher os espaços da crônica. De qualquer forma, ter uma obra sugerida e/ou publicada nas crônicas conferia certa notoriedade ao autor, porquanto o jornalista obtinha cada vez mais prestígio junto ao leitor e, se sua avaliação fosse positiva, aí então autor e obra teriam maior chance de sucesso junto ao público.

## Os comentários da quinzena: o cronista a serviço do jornal.

Com intervalo de quinze dias entre uma crônica e outra, Machado de Assis emprestava ao periódico **O Futuro** sua habilidade em comentar, com ares de conversa entre amigos, os acontecimentos que ele considerava importantes, ou que, embora lhe parecessem banais, pudessem interessar aos assinantes. Sempre atento as inclinações artísticas do periódico, o cronista sabia como enredar o leitor e mantê-lo atento do começo ao fim do texto, que era curto, como se esperava, no tamanho exato para se ler entre as obrigações do dia. O leitor d`**O Futuro**, apreciador do universo artístico luso-brasileiro, era informado sobre o que havia de novo no campo musical, teatral e literário e valia-se também do julgamento do cronista no momento da escolha de uma leitura ou na decisão de assistir uma peça, por exemplo. Diante disso, apesar de se tratar de um texto cujos assuntos estavam na ordem do dia, havia sempre a exigência de muito tato e cautela, pois ao cronista cabia também a tarefa de julgar as obras ali apresentadas e assim educar o povo no culto do belo.

A crônica oitocentista praticada nos jornais não tinha pretensão de durar, ao contrário, assim como as notícias, as crônicas eram substituídas rapidamente, exigindo do cronista uma escrita ágil e um olhar apurado sobre o que merecia ou não fazer parte do seu texto. O público desejava sempre o frescor de uma novidade e isso obrigava esse jornalista a estar sempre muito bem informado, sob pena de dizer o já dito. Segundo Machado de Assis, em crônica publicada no **Diário do Rio de Janeiro** em sete de janeiro de 1862:

[...] o público é assim. Precisa de uma novidade e de uma grande novidade; quando lhe aparece alguma, digere-a com placidez e calma, até que desfeita ela, outra lhe fica ao alcance e lhe satisfaz a necessidade imperiosa.

Como o réptil monstro de que falei, o público não se contenta com os manjares simples e as quantidades exíguas; é-lhe preciso bom e farto mantimento (ASSIS, 2008, v.4, p. 48).

Mas nem sempre as notícias dadas pelo cronista d`**O Futuro** eram das mais interessantes, por isso Machado se permitia exhibir suas opiniões sobre questões que fugiam à diretriz editorial do periódico, porém sempre com muita parcimônia, pois apesar de fazer suas considerações sabendo-as destinadas ao

esquecimento, calculava os riscos que corria ao expor-se publicamente num texto em que era, também, um formador de opinião.

Ao dedicar-se a uma leitura mais demorada das crônicas machadianas n`**O Futuro**, o leitor percebe que a grande preocupação do jovem jornalista estava em não se desprender demasiadamente do programa imposto pelo diretor e proprietário Faustino Xavier de Novais, de tal modo que a maioria absoluta das páginas vão ao encontro da proposta inicial do periódico: assuntos literários. Ora, se o jornalista estava a serviço do periódico, as crônicas devem ser analisadas considerando o espaço circunscrito do cronista para exercer a liberdade de expressão. Tal análise protege o leitor de um julgamento precipitado dos textos que, de fato, destoam das crônicas publicadas posteriormente, quando o jornalista se encontra mais maduro e com seu nome firmado entre os grandes cronistas da época. N`**O Futuro**, Machado cumpria uma tarefa muito bem definida: a exposição de obras recém lançadas e a avaliação dessas mesmas obras, a fim de propiciar ao leitor um quadro daquilo que de melhor era produzido por artistas brasileiros e portugueses; tudo o que fugia a esse propósito, ficava por conta do individualismo do cronista que, aliás, era o que sustentava o texto, fazendo-o prazeroso e fluido.

## Referências

- ANDRADE, C. D. de. O frívolo cronista. In: \_\_\_\_\_. **Boca de luar**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p.178-180.
- ARRIGUCCI JR., D. Fragmentos sobre a crônica. **Boletim bibliográfico**. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v.46, n. 14, jan./dez. 1985. p.43-53.
- ASSIS, M. de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 2008. 4 vols.
- CANDIDO, A. A vida ao rés do chão. In: CANDIDO, A. [et al.]. **A crônica; o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UNICAMP, 1992. p.13-22
- GRANJA, L. **Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2000.
- MASSA, J-M. **A juventude de Machado de Assis**. 1839-1870. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- MOISÉS, M. **A literatura portuguesa**. Editora Cultrix, sétima edição. São Paulo, 1969.

QUEIRÓZ, E. de. Crônicas. In: **Obra completa**. Vol. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1970. p.425-535.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999.

SARAIVA, A. J.; LOPES, Ó. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2001.

SILVEIRA, J. F. da. Fernão Lopes e José Saramago. Viagem – paisagem – linguagem. Causa de veer. In: CANDIDO, A. [et al.]. **A crônica; o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UNICAMP, 1992. p.25-40

SOUSA, J. G. de. **Bibliografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.